

ESCOLA.SECUNDÁRIA.ALVES.MARTINS

Desde 1849 ao Serviço do Ensino Público em Viseu



Prova de Avaliação de Português | 12º Ano | novembro de 2014

Duração: 100 minutos

Cotação

Grupo I

A.

- 1..... 15 pontos
- 2.....20 pontos
- 3.....15 pontos
- 4.....20 pontos
- 5.....20 pontos

B.

- 1.....15 pontos
- 2.....15 pontos
- 3.....20 pontos

Grupo II

- 1..... 40 pontos
(8x5)
- 2..... 20 pontos
(4x5)

A - Lê atentamente o poema apresentado.

Contemplo o que não vejo.
É tarde, é quase escuro,
E quanto em mim desejo
Está parado ante o muro.

5 Por cima o céu é grande;
Sinto árvores além;
Embora o vento abrande,
Há folhas em vaivém.

10 Tudo é do outro lado,
No que há e no que penso.
Nem há ramo agitado
Que o céu não seja imenso.

15 Confunde-se o que existe
Com o que durmo e sou.
Não sinto, não sou triste,
Mas triste é o que estou.

Fernando Pessoa, in "Cancioneiro"

Apresenta, de forma bem estruturada, as tuas respostas ao questionário.

1. Clarifica o sentido do primeiro verso do texto.
2. Interpreta o valor metafórico da palavra “muro” (l.4), justificando a tua resposta.
3. Transcreve o verso revelador da supremacia do sonho sobre a realidade, justificando a tua escolha.
4. Mostra como realidade e sonho, mundo interior e exterior se confundem.
5. Explica o aparente paradoxo do final do poema.

B- Lê atentamente o poema que se segue.

Se às vezes digo que as flores sorriem
E se eu disser que os rios cantam,
Não é porque eu julgue que há sorrisos nas flores
E cantos no correr dos rios...

5 É porque assim faço mais sentir aos homens falsos
A existência verdadeiramente real das flores e dos rios.

10 Porque escrevo para eles me lerem sacrifico-me às vezes
À sua estupidez de sentidos ...
Não concordo comigo mas absolvo-me,
Porque não me aceito a sério,
Porque só sou essa coisa odiosa, um intérprete da Natureza,
Porque há homens que não percebem a sua linguagem,
Por ela não ser linguagem nenhuma.

Alberto Caeiro, in "O Guardador de Rebanhos - Poema XXXI" - Heterónimo de Fernando Pessoa

Apresenta, de forma bem estruturada, as tuas respostas ao questionário.

1. Identifica a relação que se estabelece entre as duas primeiras estrofes.

2. Apresente a razão por que o sujeito poético se considera uma “cousa odiosa” (v.11).
3. Explicita três aspetos que denunciam a filosofia de vida do sujeito poético, fundamentando-te no texto.

Grupo II

Lê atentamente o texto que se segue.

5 Tenho por intuição que para as criaturas como eu nenhuma circunstância material pode ser propícia, nenhum caso da vida ter uma solução favorável. Se já por outras razões me afasto da vida, esta contribui também para que eu me afaste. Aquelas somas de factos que, para os homens vulgares, inevitabilizariam o êxito, têm, quando me dizem respeito, um outro resultado qualquer, inesperado e adverso.

Nasce-me, às vezes, desta constatação, uma impressão dolorosa de inimizade divina. Parece-me que só por um ajeitar consciente dos factos, de modo a que me sejam maléficos, a série de desastres, que define a minha vida, me poderia ter acontecido.

10 Resulta de tudo isto para o meu esforço que eu não intento nunca demasiadamente. A sorte, se quiser, que venha ter comigo. Sei, de sobra, que o meu maior esforço não logra o conseguimento que noutros teria. Por isso me abandono à sorte, sem esperar nada dela. Para quê?

15 O meu estoicismo é uma necessidade orgânica. Preciso de me couraçar contra a vida. Como todo o estoicismo não passa de um epicurismo severo, desejo, quanto possível, fazer que a minha desgraça me divirta. Não sei até que ponto o consigo. Não sei até que ponto consigo qualquer coisa. Não sei até que ponto qualquer coisa se pode conseguir...

Onde um outro venceria, não pelo seu esforço, mas por uma inevitabilidade das coisas, eu nem por essa inevitabilidade, nem por esse esforço, venço ou venceria.

Nasci talvez, espiritualmente, num dia curto de inverno. Chegou cedo a noite ao meu ser. Só em frustração e abandono posso realizar a minha vida.

20 No fundo, nada disto é estoico. É só nas palavras que há a nobreza do meu sofrimento. Queixo-me, como uma criada doente. Ralo-me como uma dona de casa. A minha vida é inteiramente fútil e inteiramente triste.

PESSOA, Fernando, 2008. Livro do Desassossego

1. Para responderes a cada um dos itens de 1.1. a 1.8., selecciona a única opção que permite obter uma afirmação adequada ao sentido do texto e copia-a para a folha de prova.
 - 1.1. O determinante «*minha*» (l.8) constitui uma referência déctica
 - a) espacial.
 - b) pessoal.
 - c) textual.
 - d) temporal.
 - 1.2. A frase «*A sorte, se quiser, que venha ter comigo.*» (ll.9-10) é constituída por
 - a) duas orações: uma subordinante e uma subordinada adverbial causal.
 - b) uma única oração.
 - c) duas orações: uma subordinante e uma subordinada adverbial condicional.
 - d) Duas orações coordenadas.
 - 1.3. Na expressão «*couraçar contra a vida*» (l.12), o verbo é utilizado com o sentido de
 - a) lutar por uma vida melhor.

- b) criar defesas para enfrentar as adversidades.
- c) aproveitar a vida.
- d) esquecer as desgraças.

1.4. A forma verbal «*venceria*» (l.16) encontra-se conjugada no

- a) futuro simples do indicativo.
- b) condicional.
- c) futuro do conjuntivo.
- d) infinitivo pessoal.

1.5. Na última frase do texto, o recurso à conjunção «e» deve-se ao facto de

- a) ligar orações coordenadas.
- b) unir o sujeito ao predicativo do sujeito.
- c) ligar expressões que desempenham a mesma função sintática.
- d) estabelecer a conexão entre dois modificadores do nome apositivos.

1.6. Na frase «*Chegou cedo a noite ao meu ser*» (l.18), o constituinte sublinhado desempenha a função sintática de

- a) complemento direto.
- b) complemento oblíquo.
- c) sujeito.
- d) modificador.

1.7. A última frase do texto (ll.21-22) realiza um ato ilocutório.

- a) assertivo.
- b) expressivo.
- c) compromissivo.
- d) diretivo.

1.8. O processo de formação da palavra «*inesperado*» (l. 4) é

- a) derivada por prefixação.
- b) derivada por sufixação.
- c) derivada por prefixação e sufixação.
- d) derivada por parassíntese.

2. Responde de forma correta aos itens apresentados.

2.1. Classifica a oração iniciada por «*que*» em «*Tenho por intuição que para as criaturas como eu nenhuma circunstância material pode ser propícia*» (l.1-2).

2.2. Identifica a função sintática do segmento sublinhado na passagem: «*O meu estoicismo é uma necessidade orgânica*» (l.12).

2.3. Indica o valor modal do complexo verbal «*posso realizar*» (l.19).

2.4. Indique o antecedente de «*o*», na frase «*Não sei até que ponto o consigo*» (l.14).

Cenários de resposta

«Contemplo o que não vejo.»

Grupo I –A

1. O primeiro verso do poema é constituído por um paradoxo, significando que o sujeito poético vê o que está para além da realidade. Apenas ao nível da imaginação, no seu mundo interior, é possível conciliar duas realidades opostas, através da racionalização das próprias sensações.
2. «muro» assume aqui o valor da fronteira entre realidade e sonho, a fronteira que estabelece os limites do eu. O sujeito poético necessita de saltar esse “muro”, através do sonho, para se libertar da prisão em que se encontra, da realidade angustiante que o habita.
3. O verso que me parece, por excelência, revelar a supremacia do sonho sobre a realidade é «Tudo é do outro lado,», o lado não concreto, não palpável, não visível. A insatisfação do sujeito poético e a angústia que o dominam levam a que ele hipervalorize aquilo que não tem e, por isso, continua a busca sem saber muito bem de quê, nem onde, para além da barreira, do “muro” que é a sua própria existência/contingência física.
4. Desde o início do poema que realidade e sonho se confundem. Na terceira estrofe, ao afirmar «Tudo é do outro lado, / No que há e no que penso», o sujeito poético reafirma essa fusão, pois transfere o “que há” para o lugar do sonho “o outro lado”. Na última estrofe, a fusão é ainda mais explícita, quando o eu lírico afirma «Confunde-se o que existe / Com o que durmo e sou», acrescentando-se assim, a coincidência entre o mundo exterior “o que existe” e o mundo interior “o que sou” que é, afinal, a fusão entre a sua individualidade e a realidade.
5. O final do poema contém uma contradição que, aparentemente, não pode ser explicada. Mas talvez o sujeito poético procure exprimir desse modo a sua incapacidade de sentir, uma vez que a imaginação se sobrepõe à sensação ou emoção, ao mesmo tempo que afirma a sua angústia, pois apesar de não sentir, a tristeza invade-o do mesmo modo.

B.

1. Entre as duas estrofes há uma relação de causalidade ou explicação, pois a segunda estrofe apresente a razão justificativa do que é afirmado na primeira. Na primeira estrofe, o sujeito poético altera o seu habitual comportamento em relação à natureza, usufrui-la, observá-la apenas, aqui substituído pela análise e observação racional, ao atribuir-lhe o sorriso ou o canto, através da personificação. Ora, é a segunda estrofe que vem justificar essa alteração. Essa estratégia, inabitual no eu lírico, surge aqui ao serviço de um objetivo, concorrer para que “os homens falsos”, aqueles que apenas se regem pelo pensamento e razão, possam, ao ler estes versos, sentir verdadeiramente essa mesma natureza, melhor conhecerem as “flores” ou os “rios”.

2. Na 2ª estrofe Caeiro afirma que, às vezes, tem que se sacrificar à estupidez de sentidos dos homens falsos, mostrando que também cede ao pensamento. Por isso, considera-se uma “cousa odiosa”, uma vez que tem que interpretar a natureza para a fazer entender aos outros, em vez de se limitar a apreendê-la com os sentidos e a fruí-la, vivendo de acordo com essas sensações.
3. A filosofia de vida do sujeito poético assenta na ideia de que não há nada a perceber a não ser que o que existe é a própria natureza, como diz, por exemplo nos dois últimos versos do poema. Por outro lado, o campo lexical da sua escrita assenta exatamente em elementos concretos e objetivos, como «as flores», «os rios», que vai observando na sua deambulação pelo campo. Outra característica dessa filosofia é a simplicidade, patente também na própria forma do poema, uma linguagem simples, vocabulário pobre, predomínio de nomes concretos, ausência de adjetivos, pois ele não atribui significados, por exemplo, a uma flor, e por isso não precisa de adjetivos, verbos no presente, o que exprime atualidade, permanência, variedade métrica e rítmica, ligação de orações por coordenação.

- 1.1. B)
1.2. C)
1.3. B)
1.4. B)
1.5. C)
1.6. C)
1.7. B)
1.8. C)

- 2.1. É uma oração subordinada substantiva completiva.
2.2. O segmento sublinhado desempenha a função sintática de predicativo do sujeito.
2.3. É um valor modal de possibilidade.
2.4. O antecedente de “o” (l.14) é “que a minha desgraça me divirta” (l.13-14)